

**Título:** Não existe sujeito sem instituição!

**Autora:** Lucíola Freitas de Macêdo: Analista Praticante, Membro da EBP e AMP, Mestre em Filosofia (UFMG), Doutoranda em Psicanálise e Estudos da Cultura (UFMG).

**Endereço:** Rua Rafael Magalhães, n.170, sala 201, Santo Antônio, BH-MG, CEP 30350110 **e eletrônico:** lucíola.bhe@terra.com.br

**Telefone:** 31-9132-7333

**Resumo:** O texto se dedica ao tema da 5ª Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG: **Não existe sujeito sem Instituição!** Ao interrogar o tema, investigam-se diferentes pontos de conexão e de desconexão, diferentes níveis de relação e de não-relação, entre sujeito e instituição.

**Palavras-chave:** psicanálise, sujeito, instituição, formação do analista.

**Título em inglês:** There is no subject without institution!

**Abstract:** The text is dedicated to the theme of the 5th Section of Clinical Conversation-IPSM-MG: There is no subject without institution! We investigate different points of connection and disconnection, different levels of relationship and no relationship between subject and institution.

**Keywords:** psychoanalysis, subject, institution, analyst formation.

## **Não existe sujeito sem instituição!**<sup>1</sup>

*Lucíola Freitas de Macêdo*

### **I.**

Agradeço à Diretoria do Instituto e, em especial, ao Henri Kaufmanner, o convite para participar desta conversação cujo tema, pode-se dizer, é, no mínimo, instigante!

No exato momento em que recebi esse convite, estava lendo uma entrevista do escritor israelense Amós Oz em que ele manifesta sua opinião sobre a atual situação de Israel e sobre a crise no mundo árabe. Enquanto lia a entrevista, estava, ao mesmo tempo, pensando no tema da conversação: **Não existe sujeito sem instituição!** Não existe sujeito sem instituição? Pois bem; se não existe, por que será?

A leitura de Oz puxou, para mim, o primeiro fio dessa trama. Ele tece, em sua entrevista, uma curiosa analogia, bastante freudiana, entre a sociedade, a cultura e a família: os judeus e os palestinos são filhos de um mesmo pai violento, a Europa; são dois irmãos que, sob a égide de um pai sentido como opressor, não necessariamente se amam, pois que enxergam, um no outro, a imagem do pai cruel. Os árabes olham para os judeus e dizem que eles são uma extensão da Europa: colonizadores, tiranos, exploradores; os judeus olham para os árabes e dizem que são como os europeus: problemáticos, nazistas e antisemitas. Mais adiante, na entrevista, ao ser indagado por que sua literatura aborda com tanta intensidade os conflitos de família, responde que escreve sobre famílias porque acredita que seja a instituição mais trágica e cômica do universo! Essa instituição, com suas falhas, contradições e tragédias, e apesar das profecias sobre a sua morte, perdura, resiste. Eis aí uma primeira aproximação ao nosso tema, o sujeito não é sem a instituição, a família, e suas derivações, o estado, a escola e tantas outras.

### **II.**

O segundo fio da trama encontrei em "Acte et institution", texto de Eric Laurent, que me foi indicado por Henri Kaufmanner<sup>2</sup>.

Laurent objeta que seria ingênuo de nossa parte (referindo-se aos psicanalistas) pensar que uma análise conduzida no âmbito do consultório privado seria "fora da instituição", pelo simples fato de que não podemos falar de sujeito fora da trama das formações discursivas. Agrega, ainda, que o psicanalista, nos dias de hoje, ao lidar com as demandas institucionais, está às voltas com a vertente superegoica da civilização, que se apresenta, no mais das vezes, através de regulamentos e normas,

ou, ainda, através da tirania do número e da homogeneização, presentes na pluralização e disseminação irrestritas da avaliação e das estatísticas. Nesse contexto, mais que comparecer como intérprete ou em posição de suposta mestria, caberia ao praticante da psicanálise apresentar-se com seu não-saber, como agente daquilo que descompleta e aponta o indecível (LAURENT, 2002, p.25-29).

A menção de Laurent aos discursos e sua trama merece um comentário à parte. Acompanhemos Enric Berenguer ao longo do Seminário de Orientação Lacaniana da NEL- Bogotá.

Na década de 60, tanto Lacan quanto Foucault, em seus diferentes campos epistêmicos, estavam trabalhando a noção de discurso, que começa a ganhar um importante alcance no pensamento europeu a partir desse período, ao mesmo tempo em que se desenha, nesse mesmo panorama, uma série de críticas à teoria linguística de Saussure, por seu excessivo formalismo. Há, nesse contexto, ainda, autores que intervêm com discussões carregadas de consequências políticas, tais como Mijaíl Bajtín, autor de *Marxismo e Filosofia da linguagem*, na Rússia, Antonio Gramsci, com a elaboração do conceito de hegemonia, na Itália. Esses autores argumentam que a língua é inseparável do discurso, uma vez que o discurso cumpre a função de ancorar a língua, como sistema formal, em uma realidade histórica, social, “enquanto realidade encarnada, efetuada, pronunciada, que tem consequências no social, porque produz efeitos de autorização ou desautorização, entre outros” (BERENGUER, 2009, p.23). Era esse o cerne da questão em **A arqueologia do saber**, escrito por Foucault, em 1969, em que analisa as relações entre o saber e o poder, no mesmo ano em que Lacan pronuncia seu **Seminário 17**, *O avesso da psicanálise*, através do qual constitui os quatro discursos (o do mestre, o da histórica, o universitário e o do analista), introduzindo, nas tramas discursivas, as relações entre o saber e o gozo.

Através da proposição dos quatro discursos, Lacan deduz da célula significante elementar S1-S2 quatro diferentes possibilidades discursivas, adicionando àquela o próprio sujeito que se deduz dessa operação e o elemento pulsional, o gozo. Lacan irá abordar a tensão entre o significante, os objetos de gozo e os discursos, incluindo, nessa problemática, o elemento pulsional, pois que as mudanças de regimes discursivos são também mudanças nos regimes de satisfação. Isso posto, é possível inferir, com Berenguer, que a história dos discursos se enlaça à história dos sintomas, que, por sua vez, traduzem posições do sujeito em face dos discursos, como também implicam modificações nos regimes de gozo e nas formas de viver a pulsão.

A relação entre os discursos, os dispositivos, o sujeito e seus modos de gozo nos concerne especialmente, enquanto analistas-analisantes trabalhando em

instituições! Ao ofertarmos a psicanálise, ofertamos um discurso e também um dispositivo. Ao convidarmos o sujeito a falar o que lhe vem à mente, ao ofertarmos a associação livre, estamos ofertando um dispositivo, e um dispositivo é um fato instituído, instituinte, institucional!<sup>3</sup>. É preciso, entretanto, levar em conta que Lacan não aposta e nem acredita no Estado, nem na Instituição, deduzidos do saber absoluto, da reconciliação ou da regulação, pois é a partir da incompletude<sup>4</sup>, e não da reconciliação ou da regulação, que o praticante da psicanálise poderá situar o saber em jogo na experiência analítica. É a partir da incompletude que qualquer dimensão da interpretação do inconsciente político poderá situar-se, saber cortado de seu sentido trágico, cortado de seu sentido de verdade, mas que permite acompanhar a ação humana (LAURENT, 2002, p.3-11).

### **III.**

Pois bem, o caminho que escolhi trilhar para abordar nosso tema levou-me a recolocar a questão, tentando precisar um pouco mais, nessa trama tecida entre sujeitos, discursos, dispositivos e instituições, qual seria então a especificidade do discurso e do sujeito da psicanálise.

Vejamos o que nos diz Guillermo Belaga, em "O psicanalista aplicado no hospital": pensar a psicanálise aplicada requer jamais perder de vista o fato de que o percurso analítico é um tratamento do impossível (BELAGA, 2003, p.9).

A psicanálise é um tratamento do impossível, onde quer que operem seus dispositivos. Vale lembrar que tratar não é o mesmo que curar! E que o sujeito lacaniano não é dotado de subjetividade! O sujeito lacaniano não se funda sobre o subjetivo. É um sujeito sem atributos e dividido por seu próprio discurso, sendo a realidade sexual do inconsciente, e com ela, a castração, o pivô dessa divisão. A divisão do sujeito encontra suas condições de possibilidade na estrutura "interna" do desejo, e não no conflito psíquico enquanto tensão entre dois desejos contrários. O que interessa a Lacan é o fundamento estrutural dessa divisão, a saber, a interdição do gozo a todo ser falante. A própria opacidade do significante faz objeção à possibilidade de um gozo não-castrado, e à transparência da consciência a si mesma. Há uma inadequação fundamental do sujeito a si mesmo. Para Lacan, o que é chamado de sujeito é um efeito, produto da engrenagem significativa. Ele é desprovido das propriedades que lhe são ordinariamente conferidas pela filosofia e pela psicologia (sujeito da consciência). Não se trata aqui de uma unidade sintética de representações. Nem tampouco do que comumente se chama de indivíduo. O individual pode ser atribuído a um corpo, a um "eu". O efeito sujeito que se produz aí,

e que perturba as funções vitais, está articulado ao Outro. O sujeito é pontual, evanescente, e não é dotado de uma espessura "psicológica". Ele não é uma presença imediata. Lacan, na esteira de Freud, concebe a alucinação como retorno no real do que não foi simbolizado, em outras palavras, do que não foi subjetivado pelo complexo de castração. Nesse caso, o sujeito é imanente à sua alucinação, ele se localiza nela, não reconhecendo seu próprio dizer, nem sua própria voz (REGNAULT, 1989, p.11-23).

#### **IV.**

Mas se tratar não é o mesmo que curar, e se o sujeito não tem espessura psicológica, o que a psicanálise trata, então?

Laurent, em "Dois aspectos da torção entre sintoma e instituição", nos ajudará a desdobrar essa questão. O que ele situa entre sujeito e instituição? Uma "torção", que comporta dois aspectos. Não sem antes chamar atenção para a dupla acepção do termo instituição: um conjunto de regras, pessoa moral, regime legal, o que é estabelecido pelo homem, e não pela natureza; e também uma comunidade de vida, uma maneira de viver. Nessas duas acepções, o sintoma não ocupa o mesmo lugar.

Se a instituição é algo que se mantém de pé, e a clínica psicanalítica, um discurso que se produz a partir de um sujeito deitado, para fazê-las caminharem juntas, Laurent propõe que se façam duas torções:

- 1) Da instituição, como um conjunto de regras, ao sintoma: aqui há, como dado primário, a instituição e o sintoma enquanto consequência do funcionamento institucional. Nesse contexto, cabe ao praticante não incorrer na demanda de fazer uma psicoterapia da instituição, utilizando a psicanálise como um discurso a mais, que teria como objetivo o gozo e o amor para prevenir a desordem, vindo a funcionar como tampão da falha no Outro  $S(A/)$ . Armadilha recorrente no discurso multidisciplinar.
- 2) Do sintoma à instituição, como comunidade de vida: partindo do texto freudiano "Psicologia de Grupo", é possível considerar a instituição como uma comunidade de vida, somatório de indivíduos que puseram um único e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, conseqüentemente, em seu eu, identificaram-se uns com os outros.

Laurent propõe uma leitura da "Psicologia de Grupo" freudiana a partir de um outro texto, "Teoria de Turim sobre o sujeito na Escola", de Jacques-Alain Miller. O lugar do Ideal, em um grupo, é também um lugar de enunciação, que poderá apresentar-se sob duas vertentes: uma é aquela da sugestão, massificante por estrutura. A outra, aquela da interpretação, que visa a dissociar o grupo, remetendo cada um de seus membros à solidão de sua relação com o ideal, de sua relação com o significante-mestre sob o qual se coloca.

Nessa perspectiva, um dos desafios que nos convoca é aquele de nos havermos com o sintoma da instituição na época em que o Outro não existe, em um regime do significante mestre que trabalha para redefinir de modo funcional e sistemático, em uma utopia utilitarista, as identidades múltiplas que constituem os sujeitos, conferindo-lhes atributos, classificando-os e segregando-os a partir de traços de identificação imaginária. O sujeito, assim classificado e segregado, encontra seu Mestre em seu gozo, fixando-se aí. Com seu gozo, consola sua angústia.

A operação analítica, hoje, ao contrário, não visa a trazer à luz um gozo que já está superexposto em seus semblantes. O reconhecimento de um parceiro-sinthoma põe em questão a crença de cada um em relação ao seu modo de gozo, e em relação ao apoio aí encontrado. É nessa perspectiva que Laurent conclui que "só o sintoma é a verdadeira instituição"! (LAURENT, 2003, p.248).

Podemos citar, nesse contexto, ao menos duas políticas do sintoma na civilização que caminham por vias diferentes: uma delas é aquela do relativismo pós-moderno, em que o indivíduo reivindica sua identidade de gozo por meio de uma política de comunitarismo identitário. Para a outra, a solução não passa pela comunitarização dos modos de gozo, ou pelas comunidades monossintomáticas. Obtém-se, nessa segunda perspectiva, que é aquela da psicanálise de orientação lacaniana, um lugar para o comum fundado não no comunitarismo, mas no não-todo, na diferença absoluta, e na responsabilidade do sujeito para com seu mais-de-gozar.

Antes de concluir, relanço, para a nossa conversação, o exercício de pensarmos o que nos acontece inventar **entre** sujeito e instituição, através, a partir, e com o discurso analítico, uma vez que parece estarmos, também aqui, diante de uma relação para a qual não existe proporção ou regra preestabelecida que dela dê conta. Estaríamos diante de algo da mesma ordem da relação sexual que não há, tal qual formulado por Lacan?

$S/ // I?$     $S/ <> I?$     $S/ \Sigma I?$     $S/ \infty I?$

Não existe sujeito sem instituição! Como também não há, paradoxalmente, relação, ou proporção, entre sujeito e instituição!

Diante do que disse, proponho retomar a conversa que tivemos por ocasião da abertura das atividades do Instituto, a saber, que o praticante da psicanálise, nas instituições, conta, fundamentalmente, com sua própria análise. Não nos apoiamos no discurso da eficácia e da maestria. Somos convocados a nos havermos com aquilo que fracassa, que se repete, se rebela, que insiste, fura o protocolo, objeta o bom senso, excede às prescrições, com a exceção às estatísticas e previsões. E é apenas na medida em que se é analisante, que é possível captar conceitualmente o que ensina

uma análise, a saber, que cada um está só — só com o Outro do significante, só com seu fantasma — do qual um pé está no Outro — só com seu gozo, êxtimo (MILLER, 2001, p.233). Miller aposta no desejo de Lacan, que conduziu a psicanálise mais além do Édipo. Desse desejo procede não uma sociedade analítica, mas uma Escola. Em uma Escola, não deverá haver uma exceção solitária e antinômica com o conjunto, como requer a fórmula edípica. Não deverá haver uma única exceção, mas uma série de exceções, de solidões incomparáveis umas com as outras, de solidões estruturadas como sujeitos barrados, fixados a significantes mestres e habitados pela extimidade de um mais-de-gozar particular a cada um. Nesse sentido, a Escola deve ser um conjunto logicamente inconsistente e antitotalitário, que se apresenta sob a forma de uma série na qual falta uma lei universal de formação (MILLER, 2001, p.225).

Partindo dessa perspectiva, com Miller, propomos uma inflexão, e mesmo uma inversão nos termos propostos pelo tema de nossa conversação “Não existe sujeito sem instituição!” Em sua teoria de Turim, ele propõe fazermos da Escola um sujeito, um sujeito barrado (MILLER, 2001, p.226): A instituição é sujeito!

### Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, G. **Qu'est-ce qu'un dispositif?** Paris: Payot & Rivages, 2007.

BELAGA, G. “O psicanalista aplicado no hospital”, In: A. Harari, M. H. Cardenas, F. Kruger (orgs.). **Os usos da psicanálise:** Primeiro Encontro Americano do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p.9-18.

BERENQUER, E. **Discurso y vínculo social.** Seminario de Orientación Lacaniana de Bogotá. Bogotá: NEL, 2009. p.11-34.

LAURENT, E. “Acte et institution”, **La Lettre Mensuelle**, École de la Cause Freudienne, n.211, sept. 2002, p.25-29. (Tradução publicada em *Almanaque On-line*, ano 5, nº 8, jan-jun. 2011. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque.htm>).

\_\_\_\_\_. “A vergonha e o ódio de si”, **Carta de São Paulo**, Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise – São Paulo, ano 9, n.7, out. 2002, p.3-11.

\_\_\_\_\_. “Dois aspectos da torção entre sujeito e instituição”, In: A. Harari, M. H. Cardenas, F. Kruger (orgs.). **Os usos da psicanálise:** Primeiro Encontro Americano do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p.83-96.

MILLER, J.-A. “Teoria de Turim sobre o sujeito na Escola”, **Latusa:** De onde vêm os analistas, Rio de Janeiro: EBP-Rio, n.6, 2001, p.217-233.

OZ, A. “A religião pode ser uma das formas cruéis de opressão” (2011). Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/a-religiao-tambem-e-uma-forma-opressiva-de-poder/>. Acesso em: 25 mar. 2011.

REGNAULT, F. “Penso onde não sou, sou onde não penso”, In: MILLER, G. (Org). **Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. p.11-23.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na 5ª Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG, ocorrida em 2 de abril de 2011.

<sup>2</sup> Texto publicado nesta mesma edição de *Almanaque On-line*, na rubrica *Trilhamento*.

<sup>3</sup> O dispositivo ofertado pela psicanálise não deixa de remeter ao texto **O que é um dispositivo?**, de Giorgio Agamben, e à **sua** releitura da definição de Michel Foucault: entende-se por dispositivo uma rede de relações que se podem estabelecer entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, o dito e o não-dito... o dispositivo, em si mesmo, é o nexa que se estabelece entre esses elementos heterogêneos... **trata-se** de uma formação que, em **um dado momento**, tem por função responder a uma urgência... tendo, assim, uma natureza essencialmente estratégica... não sem fazer do que há de "ingovernável" na própria estrutura do dispositivo, sua causa, ingovernável que é ao mesmo tempo o início e o ponto de fuga de toda política (AGAMBEN, 2007, p.50-51).

<sup>4</sup> Vale acompanhar os desdobramentos e elaborações de Jorge Alemán e **Ernesto** Laclau a propósito da incompletude no âmbito da psicanálise e da política: Por que os significantes vazios são importantes para a política? (**Derivas del discurso capitalista**. Málaga: Miguel Gómez Ediciones, 2003. p.81-101.)